

DE “WERTHER” AO ADOLESCENTE DO SÉCULO XXI¹

LEITE, Hemis André Maia²

PAULA, Marília Barroso de³

RESUMO

O presente estudo aborda o tema da adolescência em uma perspectiva psicanalítica. Objetivou compreender os sofrimentos psíquicos do adolescente, perfazendo uma correlação entre o adolescente contemporâneo e a análise literária da obra “Os sofrimentos do jovem Werther”, publicado em 1774, por Johann Wolfgang von Goethe. Metodologicamente, este trabalho se propõe a uma revisão bibliográfica de artigos científicos publicadas à cerca do tema, sendo as principais fontes para pesquisa as plataformas SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Os principais resultados demonstram articulação com os processos psíquicos na adolescência, perpassando pelo Complexo de Édipo, a formação da subjetividade, o trauma, o narcisismo, a perda objetual e a passagem do ego ao ato – o suicídio. Ao analisarmos as emoções a partir dos séculos, deparamo-nos, nas clínicas contemporâneas, com quadros de dependências, personalidade limítrofes e o próprio suicídio, que carece de escuta e um olhar multidimensional. Conclui-se que, como na obra analisada, o suicídio na adolescência necessita de um cuidado especial, principalmente nessa fase do desenvolvimento, quando o narcisismo se volta para o ego.

Palavras-chave: Psicanálise. Adolescência. Suicídio. Clássicos da Literatura.

FROM “WERTHER” TO THE 21st CENTURY TEENAGER

ABSTRACT

The present study addresses the topic of adolescence from a psychoanalytic perspective. It aimed to understand the psychological suffering of teenagers, making a correlation between the contemporary teenager and the literary analysis of the work “The Sorrows of Young Werther”, published in 1774, by Johann Wolfgang von Goethe. Methodologically, this work proposes a bibliographical review of scientific articles published on the topic, with the main sources for research being the SciELO, PePSIC and Google Scholar platforms. The main results demonstrate articulation with psychic processes in adolescence, including the Oedipus Complex, the formation of subjectivity, trauma, narcissism, object loss and the transition from the

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 26/11/2023

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: hemisandre@gmail.com

³ Doutora em Psicologia clínica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: mariliapaula@uniacademia.edu.br

ego to the act – suicide. When we analyze emotions over the centuries, we come across, in contemporary clinics, cases of addiction, borderline personality and suicide itself, which lacks listening and a multidimensional look. It is concluded that, as in the work analyzed, suicide in adolescence requires special care, especially at this stage of development, when narcissism turns to the ego.

Key words: Psychoanalysis. Adolescence. Suicide. Classics of Literature.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o tema da adolescência na perspectiva psicanalítica. Através das obras clássicas de literatura dos séculos XVIII e XIX, buscou-se compreender os sofrimentos psíquico do adolescente ao longo da história, perfazendo uma correlação entre o adolescente contemporâneo e os personagens da obra **Os sofrimentos do jovem Werther** a seguir, especialmente o que diz respeito ao sofrimento adolescente e a sua passagem ao suicídio.

O romance **Os sofrimentos do jovem Werther**, publicado em 1774, pelo escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe conta a história de um adolescente que, após se apaixonar por uma jovem comprometida e ver a impossibilidade da realização desse amor, não encontra outra saída para tal frustração que não seja o suicídio (Goethe, 2010). Backes (2010) ressalta que a obra é uma mistura de romance e vida real de Goethe que teria sido apaixonado por uma mulher de nome Carlota Buff, residente no interior da Alemanha e casada com Johann Kestner. Goethe (2010) escreveu sobre o amor não-correspondido do jovem Werther por Charlotte.

Esta obra literária abre para uma reflexão sobre o percurso das emoções adolescentes. As pulsões e suas vicissitudes nesse momento da vida clamam por ligações afetivas que, quando não correspondidas, fazem com que o adolescente passe ao ato. Diante dessa contextualização, o presente estudo direcionou-se a partir dos questionamentos iniciais: Através de obras clássicas dos séculos XVIII e XIX pode-se estudar o sofrimento do adolescente? Há analogias entre os jovens retratados nos citados romances e o jovem de hoje?

Para isso, esse trabalho objetivou estudar a desesperança ideativa do adolescente correlacionando com clássicos de Goethe e Wedekind. Buscou-se igualmente estudar as pulsões e suas vicissitudes na vida do adolescente; pesquisar

o desencantamento nas relações afetivas do adolescente e verificar o percurso das emoções adolescentes durante os séculos.

Este trabalho teve como metodologia, uma revisão bibliográfica de artigos científicos publicadas acerca do tema, sendo as principais fontes para pesquisa as plataformas SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. A busca foi realizada a partir dos descritores: “suicídio” *and* “adolescência” *and* “psicanálise” *and* “pulsões”. O período das publicações será dos últimos dez anos (2013 – 2023). Além dos artigos, os textos que a embasaram foram de Sigmund Freud - **O Ego e o Id** de 1923, **A dissolução do complexo de Édipo** de 1924, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1980 entre outros, além de comentadores relevantes, como os estudos de Sonia Alberti.

Escritos nos séculos XVIII e XIX podem revelar que as emoções são atemporais e que os dilemas e angústias do existir ultrapassam a barreira do tempo, e podemos recorrer à literatura Clássica para compreender os adolescentes na contemporaneidade.

2. AS PULSÕES E SUAS VICISSITUDES NA VIDA DO ADOLESCENTE

É comum ouvir os pais reclamarem que a adolescência é a fase de desenvolvimento mais difícil de enfrentar. Isso acontece porque antes, para os filhos, os pais eram os objetos mais importantes de suas vidas, fonte inquestionável de conhecimento. Além disso, são modelos com os quais as crianças podem aprender, a principal referência para as famílias e a sociedade. Na adolescência, porém, isso pode mudar. Esta fase é o momento em que se pode perceber o desenvolvimento de um ponto de vista próprio (ou não, mas certamente diferente do ponto de vista dos pais). Torna-se importante entender a adolescência como um momento de desenvolvimento das habilidades argumentativas, sociais e culturais; um momento em que esse ser está aprendendo (Alberti, 2009).

Nas palavras de Freud, durante a puberdade ocorre uma das conquistas psíquicas mais importantes e dolorosas da adolescência: a separação da autoridade parental, através da qual a nova geração passa a antagonizar-se diante dos pais - pondo em questão o progresso cultural intimamente relacionado com a geração anterior. É também um processo social que marca o início da vida adulta e a

construção da identidade pessoal. Sua principal característica é a busca pela autonomia, e é claramente daí que emergem diferentes formas de transgressão, protesto e resistência. Um dos propósitos deste estudo é compreender as razões e origens de toda esta rebelião e desobediência (Mezan, 2003).

A experimentação consiste em uma das maneiras pelas quais os adolescentes encontram sua identidade. Como resultado, podem se tornar “perversos ambulantes”, ou seja, pertencer a grupos diferentes o tempo todo e mudar de amigos facilmente. Tudo isso acontece porque ainda não entendem quem são e a que grupo pertencem. Procuram também mudar a relação com os adultos, pois entendem que não são mais crianças e querem ser tratados como adultos, embora ainda não sejam (Alberti, 2009).

A adolescência é aquele estado em que o sujeito escapou dos anos felizes da infância, mas ainda não se encontrou na vida adulta, não se constituiu numa personalidade madura, com formas de vida e atividades que lhe são exclusivas. Um adolescente está sempre entre a infância irrevogável e um futuro antecipado (maturidade) (Tolstij, 1989).

A fim de melhor entender esse sentimento de autonomia adolescente, torna-se importante retomar alguns pontos da infância, especificamente a fase edípica. Em **A Interpretação dos Sonhos**, volume 4 publicada em 1900, Freud (1996) discute a respeito do complexo de Édipo. Recebe esse nome pois se baseia na tragédia **Édipo Rei**, (427 a.C.) de Sófocles, e descreve a concretização de um incesto, sem que as personagens dessem conta do fato, inicialmente.

Ao fazer uso dessa obra, Freud (1996) pretendia descrever os sentimentos em torno do menino, que desde cedo escolheu o seio da mãe como objeto do seu amor (posteriormente voltando-se para a própria mãe), e o pai, como o próximo objeto de seus anseios amorosos. Essa relação de admiração se dá até que o menino perceba que o pai consiste, na verdade, em um obstáculo que precisa ser superado a fim de que possa realizar o desejo de ter a mãe. A identificação com o pai acaba se transformando em hostilidade, pois o menino queria ocupar seu lugar junto a mãe. O pai passa a ser entendido como um ser absoluto que atrapalha o seu gozo. Segundo Freud (1996), quanto mais irrestrito fosse o governo do pai numa família antiga, mais inevitavelmente o filho, destinado a sucedê-lo, estaria na posição de inimigo e mais impaciente ele ficaria para assumir o poder através da

morte do pai.

A partir dos escritos de Freud (1996), entende-se como a morte do pai não significa simplesmente assumir o lugar junto à mãe, mas sim conquistar a liberdade que buscava e que a autoridade do pai não lhe permitiu alcançá-lo. Embora, na tragédia, esta morte seja literal, podemos compreender o seu significado de forma metafórica. No processo de descoberta de sua identidade, o adolescente precisa se “libertar” do domínio do pai para que possa se descobrir e se tornar o que quiser.

É durante a fase edípica que as crianças começam a perceber as diferenças de gênero, um certo tipo de moralidade começa a emergir (em vez de se solidificar) e o ego e a *libido*⁴ se desenvolvem. Os pais, do sexo oposto ao da criança, tornam-se então objetos de sua energia libidinal, enquanto os pais do mesmo sexo passam a ser vistos de maneira hostil, como objetos de ciúme e competição. É fácil acreditar erroneamente que querer a mãe só para si decorre de motivos egoístas, e porque a mãe cuida, alimenta e faz tudo pela criança, isso leva a um tratamento ciumento e hostil de quem tem que compartilhar tudo. Esta explicação é apenas um “suporte” para a real causa da origem sexual (Freud; 1996).

Segundo Freud (1996), a fase fálica⁵ termina por volta dos cinco ou seis anos, seguida do período de incubação para, posteriormente, advir a puberdade (adolescência). Contudo, lembranças da fase edípica acompanha o indivíduo ao longo de toda sua vida, sem que tenhamos a consciência disso. A repressão⁶ que ocorre durante essa fase nunca é completa, deixando, ocasionalmente, que alguns materiais escapem à consciência por meio de sonhos, piadas (chistes) ou erros (ato falho). Para Freud (1996), quando algo (como o complexo de Édipo) é reprimido, não é destruído, apenas jogado no inconsciente, e por ser preenchido com energia libidinal continua forçando a sua saída pela consciência.

⁴ Energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas) (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 265-266).

⁵ Fase de organização infantil da libido que vem depois das fases oral e anal e se caracteriza por uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos órgãos genitais; mas, o que já não será o caso na organização genital pubertária, a criança, de sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino, e a oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado. A fase fálica corresponde ao momento culminante e ao declínio do complexo de Édipo; o complexo de castração é aqui predominante (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 178).

⁶ Em sentido amplo: operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: idéia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 457).

O fim da fase edipiana coincide com a primeira fase da organização genital - o que a precede é a desintegração das zonas erógenas por todo o corpo, sem um foco preciso. É a partir desta fase que os mecanismos de defesa entram em ação pela primeira vez, suprimindo o complexo de Édipo e enviando-o para o inconsciente, mas deixando uma marcação de sua intensa passagem: o superego⁷ (Mezan, 2003).

A puberdade marca o segundo estágio da organização genital. Nesse processo, existe um excesso de libido e, portanto, sempre que há um excesso surgem forças igualmente poderosas para reprimi-lo (Freud, 1996).

Esta é uma das razões pelas quais a rebelião adolescente ocorreria: existem duas forças – o id e o superego, muito intensas trabalhando uma contra a outra. Isto pode levar a sentimentos de conflito interno, criar insegurança e, em última análise, uma necessidade de romper com os pais, que muitas vezes se encontra disfarçada como busca pela liberdade. Esta ruptura implica a constatação de que, de fato, não há possibilidade de uma relação incestuosa, que uma força interior, o superego, prevalece, e a outra é reprimida e lançada no mundo real (Mezan, 2003). Freud (1980) entendeu que o complexo de Édipo se dissolvia através da frustração e da falta de sucesso.

Sabe-se que o início da puberdade é conhecido pelas suas alterações fisiológicas, mas não deve ser caracterizado apenas por elas. É uma fase que consistiria, também, em uma busca constante por outra pessoa a fim de concretizar a liberação sexual. Assim, muitas vezes podemos detectar semelhanças entre a escolha de objetos amorosos a partir de traços inconscientemente marcados das próprias figuras parentais. Ou seja, nem tudo se resolve verdadeiramente com a resolução do complexo infantil (Mezan, 2003).

No entendimento de Mezan (2003), mesmo que o complexo seja superado, e se consiga continuar e iniciar uma vida sexual “normal”, quando se escolhe um objeto (para fugir do autoerotismo e do incesto), acaba-se escolhendo inconscientemente um par parecido consigo.

Mesmo que o distanciamento dos objetos da infância ocorra na adolescência, o desenvolvimento, na idade adulta, ainda pode ser comprometido por dois motivos:

⁷ Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 497).

se o novo objeto for proibido por algum motivo, e se a atração for influenciada por desejos incestuosos reprimidos, a libido eventualmente retorna até a infância e se fixam nela, mesmo que a repressão os mantenha inconscientes, isso não os impede de agir (Mezan, 2003).

Freud (1921) relatou em muitas de suas obras problemas de identificação com pessoas que nos são hostis, e em *Psicologia das massas e análise do eu* e outros textos também concluiu que a identificação substitui a seleção de objetos; isso acontece após a dissolução do complexo de Édipo, razão pela qual Freud (1996) usou a palavra “deslocamento” da escolha do objeto para a identificação. Quando ocorre normalmente, quase sempre é direcionado a um pai (no caso de um menino) e a uma mãe (no caso de uma menina). Contudo, tal processo pode ser revertido, podendo ser, em vez de um dos pais, outras figuras de poder ou autoridade, como professores ou outros.

A identificação com o pai assume um tom hostil, transformando-se num desejo de eliminá-lo para substituí-lo pela mãe. A partir daí seu relacionamento com o pai tornou-se ambivalente. É como se a ambivalência de identidade que esteve presente desde o início se tornasse aparente. Para o menino, a posição ambivalente em relação ao pai e a relação objetal completamente terna com a mãe constituem o conteúdo de um complexo de Édipo simples e positivo. Com o colapso do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe teve de ser abandonado. Em vez disso, pode ocorrer um aumento na identificação com a mãe ou na identificação com o pai. (Freud, 1923/1990).

Por mais dolorosa que a adolescência seja para os próprios adolescentes e para seus pais, e por mais que digamos que para realmente entrar na idade adulta é preciso perder esse amor, isso não acontece. Quando ocorre a identificação, os indivíduos recorrem à pessoa que conheceram primeiro e com quem têm uma forte ligação emocional. Toda a moral que um adolescente entende e os valores que ele possui, vêm, inicialmente e de forma intensa, de seus pais. Sua identidade será o legado deles, pois é através desse investimento narcísico que se cimentam os ideais da vida adulta. A formação do superego começa como uma resposta psíquica ao complexo de Édipo e se cristaliza como produto da assimilação patriarcal (Alberti, 2010).

Isto traz de volta às origens do ideal do ego⁸ pois, por trás dele, está a primeira e mais importante identificação do indivíduo com seu pai pré-histórico. À primeira vista, isto pode não parecer ser o resultado ou consequência de um investimento objetivo; é um reconhecimento direto e imediato mais antigo que qualquer investimento físico. Mas a escolha de objetos pertencentes ao período do primeiro comportamento sexual e associados ao pai e à mãe parece conduzir geralmente a esta identificação, fortalecendo assim a identificação primária (Freud, 1923/1990). Os pais são vistos como modelos e principalmente agentes morais. Quer um adolescente decida seguir o que aprendeu com seus pais (satisfazendo assim seu superego) ou fazer exatamente o oposto, o ponto de referência para a tomada de decisão são sempre seus pais (Alberti, 2010).

Para Freud (1923/1990) a adolescência foi uma escolha que nem todos fizeram, e não fazer essa escolha pode gerar patologias e repercussões na vida adulta, como a persistência do amor infantil. Esta incapacidade de se separar dos pais não é saudável porque, para ter contato amoroso com outra pessoa, é preciso perder a idealização infantil pelos pais. Sonia Alberti (2010) afirmou ainda que a adolescência é uma decisão pessoal, mas para a autora muitas pessoas a fazem sem entender realmente o que significa e quais são suas consequências para o futuro.

O complexo de Édipo sempre dominou os desejos das crianças, mas entrar na adolescência significa romper e superar, não o complexo em si, mas metas previamente dadas e objetos anteriores. Na adolescência o indivíduo completa o abandono iniciado na infância, de modo que temos mais uma vez o id que não quer abrir mão dos desejos incestuosos e o complexo de Édipo que confronta o superego, que defende a obrigação de superar esses desejos (Mezan, 2003).

Para a psicanálise, os frequentes encontros entre sujeitos adolescentes e os laços sociais revelam a irreversibilidade da ligação entre o sujeito e a esfera do outro. As complexidades clínicas e educacionais apresentadas pela adolescência contemporânea suscitam questões pessoais e coletivas e, portanto, apresentam ressonâncias éticas e políticas envolvendo diferentes áreas da vida social como a

⁸ Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 221).

escola, a família e a sociedade. Do ponto de vista estrutural, o adolescente está interessado na construção de novas formas de nomear-se, encontrando modelos de inspiração na cultura da época em que vive, seus aparatos e rituais, para formar modelos de inspiração para os outros. Seu próprio significado: Tempo revela assim a já mencionada distorção irreduzível entre o social e o psicológico (Freud, 1921).

3. ANÁLISE DO SOFRIMENTO DE JOVEM WERTHER

Segundo Montoia (2018), em 28 de agosto de 1749, nasceu em Frankfurt, na Alemanha, uma das maiores figuras da literatura alemã e da escola romântica: Johann Wolfgang von Goethe. Vindo de uma família financeiramente forte, tanto Goethe quanto sua irmã receberam excelente educação e dominaram uma variedade de línguas, artes e literatura.

Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) alcançou seu primeiro trabalho de sucesso quando escreveu "Werther" em 1774. Também pouco depois de Werther, os alemães contribuíram com algumas das suas maiores e talvez mais numerosas obras para a literatura universal, tornando-se uma das literaturas mais impressionantes do mundo (Goethe, 2010).

Segundo Pereira (2015), o livro **As dores do jovem Werther** publicado em 1774 pelo alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) é a obra mais importante da literatura mundial. Pode ser considerado um exemplo da utilização da literatura como fonte para a compreensão de símbolos importantes da filosofia, como o tema do suicídio, fortemente retratado nos livros de Goethe. Trata-se de um romance epistolar. O protagonista está em viagem de negócios e entrega uma carta ao amigo William, contando seus fatos cotidianos, bem como seus sentimentos e ansiedades até conhecer a bela Charlotte, fato que mudará sua vida para sempre, desabrochando uma paixão avassaladora que o levará à vertigem do primeiro grande amor da sua juventude e, gradualmente, à sua própria destruição existencial.

Embora Werther e Charlotte tenham realmente vivido uma história de amor, o menino não conseguiu reconquistar seu amor porque ela já estava noiva de outro homem. Werther ficou desesperado porque não conseguiu realizar seu desejo e, quando não teve outra escolha, atirou e acabou com sua vida. O momento de seu suicídio é um dos episódios mais comoventes do livro e é considerado por muitos

um dos episódios mais comoventes da história da literatura ocidental. O tom realista e perturbador do romance causou verdadeiro alvoroço entre os jovens da época, que, atraídos pela paixão e pelo espírito reprimido de seus respectivos protagonistas, decidiram seguir o mesmo caminho e acabar com a vida (Pereira, 2015).

Segundo Peruquitti, Campos e Barcelos (2020), a princípio, o romance parece inofensivo - Werther está em *frenesi* em busca do contato com a natureza e da maravilha da liberdade. Ao apaixonar-se, é guiado pela dor do amor proibido por Charlotte. Johann Wolfgang von Goethe trouxe um novo modelo estético para a literatura, o que acabou por permitir que jovens artistas da sua época se identificassem com as ideias de Sturm und Drang, promovendo assim a abertura de uma nova era da arte e da literatura nacionais. Sturm und Drang é um esporte que valoriza a emoção, a subjetividade, o misticismo e a paixão. Além disso, uma de suas principais características é o reconhecimento da natureza como inspiração para expressões de criatividade e sublimidade. Diferentemente dos artistas clássicos que buscavam imitar a natureza, os artistas do Sturm und Drang viam a natureza como um puro modelo de arte, a maior expressão do divino, com a qual a arte deveria rivalizar (Peruquetti; Campos; Barcellos, 2020).

Vemos que o desejo de liberdade burguesa teve, em última análise, um impacto na arte, onde encontrou expressão e concretização deste espírito liberal. Pode-se dizer que o objetivo desse movimento era expressar os sentidos, as emoções, as paixões, ou seja, os artistas acreditavam que essas são as maiores virtudes da humanidade e por isso usavam a própria criação divina como modelo de inspiração e realização. Como exploraremos em profundidade nos temas abaixo, esses valores são estabelecidos em cada momento da narrativa; desde as observações de Werther sobre seu carinho pelas crianças, que, segundo ele, são guiadas puramente pelo desejo, até sua trágica morte, assume a autonomia da paixão, capaz de enfrentar as últimas consequências e consolidar seu espírito livre (Peruquetti; Campos; Barcellos, 2020).

O protagonista não é apenas um amante infeliz, mas também um cidadão cujo espírito luta contra a opressão imposta por valores e regras rígidas e injustas que determinam o modo de vida de seu grupo social. Com sua carga de sentimentalismo, seu conflito interno com a vida social e seu amor pela vida popular,

o herói percorre todos os temas de sua época, expondo sua dor como a “dor do mundo” que é a característica do Romantismo (Piazzoli, 2023). Embora Werther e Charlotte tivessem uma história de amor, o menino não conseguiu reconquistar seu amor porque ela já estava noiva de outro homem. Werther perdeu a esperança de poder realizar seu desejo. Incapaz de encontrar outra maneira de resolver o problema, ele se matou com um tiro (Souza; Freitas, 2022).

As cartas de Werther são narradas na primeira pessoa e expressam seus pensamentos, desejos, dúvidas, fascínios e decepções com a vida. Werther começa sua carta contando ao amigo suas primeiras impressões de Wahlheim, a nova cidade onde se estabeleceu. Sua nova casa é descrita como uma cidade rural, rodeada de natureza e de gente simples que vive muitas vezes no campo. A descrição de Werther sobre Wahlheim tem muito a ver com a cidade alemã que o Goethe viveu, Wetzlar. Em uma nota, Backes (2010) relembra que, quando Goethe escreveu, geograficamente a Alemanha estava dividida em centenas de principados. Logo, a referência do personagem sobre a presença de um Bailio (representante de uma cidade pequena) na localidade, justifica uma aproximação da obra com as cidades da Alemanha no século XVIII (Montoia, 2018).

As angústias do jovem Werther não são apenas a história de um amor impossível, mas uma exaltação apologética da autodepreciação do personagem. É nessa trama ideal de amor e rejeição que permeia o conceito de autodestruição de Werther. Os pensamentos suicidas tornaram-se cada vez mais evidentes em sua vida, e Goethe narrou de forma dramática e envolvente toda a dor vivida pelo jovem apaixonado (Pereira, 2015).

Nas últimas cartas de Werther encontra-se a descrição de todo o seu sofrimento. O protagonista torna-se cada vez mais impulsivo e incapaz de controlar suas emoções. A alegria e os bons sentimentos vivenciados no início acabam desaparecendo e, com isso, Werther não encontra mais prazer em sua experiência com Lotte porque sabe que seu amor não será correspondido. Para expressar a dor que sente, o protagonista passa a retratá-la por meio de suas cartas, o que fica evidente nas mudanças, nos impulsos e na excitação de sua prosa.

No romance **Os sofrimentos do jovem Werther**, não apenas conta a história de um amor impossível, mas sim é uma elevação apologética do autossuicídio ou suicídio do personagem. É nessa trama ideal de amor e rejeição que permeia o

conceito de autodestruição de Werther. À medida que os pensamentos suicidas se tornaram cada vez mais intensos em sua vida, Goethe narrou de forma dramática e envolvente toda a dor que o jovem apaixonado viveu (Souza; Freitas, 2022).

Embora seja uma obra de ficção, a sua análise permite compreender melhor o homem descoberto no início do século XIX. A variedade de emoções expressas, muitas vezes contraditórias, dramáticas e antagônicas, aponta para a multiplicidade de emoções presentes nos autores desses romances. Charlotte era a personificação da mulher ideal da classe alta alemã da época. Uma jovem nascida para o casamento, conhecedora, hábil e delicada (Pereira, 2015).

4. RELAÇÕES AFETIVAS DO ADOLESCENTE E SUA RELAÇÃO COM O SUICÍDIO

A adolescência é um período envolve conflitos familiares, problemas relacionados a sexualidade e suas descobertas, depressão e outras questões psiquiátricas, estresse pós-traumático, abuso de substâncias e uso patológico da Internet são todos fatores de risco para suicídio entre adolescentes. Além disso, em comparação com os adultos, os adolescentes são mais afetados pela exposição à mídia e podem imitar comportamentos vistos na TV. Quando o assunto é exposto, a probabilidade de suicídio é alta (Batista; Araújo; Figueiredo, 2016).

Embora o suicídio possa ser um fenômeno causado pela pouca mensurabilidade de uma série de fatores (psicologia, biologia, cultura, etc.), desde o final do século 19, Emile Durkheim⁹ apontou que é possível observar e compreender as estatísticas sobre a relação entre as taxas de suicídio e certas variáveis demográficas, como sexo, faixa etária, estado civil e crenças religiosas (Silva, *et al.* 2018).

Silva, *et al.*, (2018) vincula essas variáveis ao grau de interação social entre os indivíduos e a sociedade como elemento central da explicação sociológica desse fenômeno. O suicídio e as causas que dele decorrem refletem as nuances da singularidade do engajamento pessoal e cultural. Em tempos de constante mudança, luta e permanente fragilidade social, as mazelas da realidade se intensificam diante

⁹ David Émile Durkheim foi um sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês.

de um sistema que valoriza o capital e a renda, mas pouco se importa com temas, qualidade de vida e seu sofrimento constante.

É possível refletir que aqueles que suicidam, de fato, não querem morrer. Eles querem se livrar da dor insuportável. A morte/Nada, irreproduzível, equivale inicialmente ao horror da destruição. Recusar-se a perceber o complexo de terror/Nada cria um fetiche¹⁰. A percepção do nada aterrorizante é substituída pelo céu, equiparando-se a experiências anteriores (vida no útero) ou experiências posteriores (primeiras mamadas). Este fetiche é ocupado pela cultura, crença religiosa, ideologia e outros fatos que se tornarão feitiços. Sem esses feitiços, o contato permanente com a realidade da morte tornaria a vida insuportável (Silva, *et al.* 2018).

Na visão de Freud (1905/1980), o trauma refere-se à passagem de um ambiente que o sujeito é incapaz de processar mentalmente devido ao acúmulo de superexcitação. Nesse sentido, quando ocorre o trauma, o órgão mental não consegue mobilizar suas energias para o investimento reverso, invalidando assim a capacidade de conexão desse afluxo no psiquismo.

Tomando como ponto de partida a teoria do trauma de Freud (1905/1980), as tentativas de suicídio são como dores comportamentais que resultam dos efeitos do trauma. O conceito de trauma está ligado à intensidade da fantasia e do conteúdo psicológico e apresenta o conceito de compulsão à repetição¹¹, que se refere à repetição para além do princípio do prazer¹², encarnando o caráter demoníaco da pulsão¹³. O trauma é caracterizado por uma dor inexprimível que leva a um comportamento não mediado e não retardado e, portanto, é caracterizado pela violência. O volume que estoura no espírito busca alguma forma de liberação, e no

¹⁰ Objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas.

¹¹ A compulsão à repetição na elaboração teórica de Freud é considerada um fator autônomo, irredutível, em última análise, a uma dinâmica conflitual onde só entrasse o jogo conjugado do princípio de prazer e do princípio de realidade. É referida fundamentalmente ao caráter mais geral das pulsões: o seu caráter conservador (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 83).

¹² Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 364).

¹³ Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 394).

caso de tentativa de suicídio, a "violência" é dirigida contra o próprio indivíduo, no ato de buscar a própria morte.

A pessoa que se suicida de certa forma ataca a sociedade e é acusada de não lhe dar condições de vida dignas. Os aspectos agressivos do suicídio nos permitem compreender a vingança social, em diferentes culturas. Com o Iluminismo¹⁴, o comportamento suicida foi tolerado e gradativamente atribuído a fatores emocionais e espirituais, embora o aspecto de condenação tenha permanecido (Silva, *et al.* 2018).

O comportamento suicida é uma manifestação da personalidade individual, com constituição própria, história de desenvolvimento, ambiente social e cultural e fantasias de morte. É ingênuo pensar que a "causa" do comportamento é apenas o elo final aparente em uma complexa teia de fatores, muitos dos quais nunca podem ser identificados (Silva, *et al.* 2018).

Freud (2011) mostrou como o melancólico recupera objetos perdidos em fantasias, paradoxalmente amados e odiados. A autodestruição revela a necessidade de destruir o objeto, que o ameaça por dentro. Pouco depois, Freud (2011) descreveu uma jovem se jogando nos trilhos após ser rejeitada por um "amante" idealizado.

Atualmente, entende-se que o comportamento suicida se trata, em grande parte, de uma manifestação da personalidade individual, com constituição e história de desenvolvimento, relacionado ao ambiente social e cultural, além de suas fantasias de morte. É ingênuo pensar que a "causa" do comportamento é apenas o elo final aparente em uma complexa teia de fatores, muitos dos quais nunca podem ser identificados. Além disso, há uma maior conscientização sobre o suicídio, um problema gravíssimo de saúde pública (Miodownik, 2019).

Contudo, percebe-se certa necessidade de uma maior participação da Psicanálise na discussão em torno dessa problemática. Na prática clínica, com casos críticos que envolvem pacientes cuja formação das representações mentais ocorreriam de forma destrutiva, além de um empobrecimento na ordem simbólica, parece haver predominância de um discursos psiquiátricos em torno dos casos (Miodownik, 2019).

¹⁴ Foi um movimento intelectual que surgiu na Europa, no século XVIII, e defendia a valorização da razão como forma de garantir o progresso da humanidade.

A literatura recente vem proporcionando uma compreensão psicanalítica mais refinada de pacientes cuja relação com a destrutividade é próxima, possibilitando o aprimoramento de ferramentas, não apenas em termos de escuta e acolhimento, mas também tecnicamente. O que não está claro é saber quando o sofrimento se torna insuportável a ponto de não ser falado no processo analítico ou psicoterapêutico, acarretando em um comportamento suicida (Miodownik, 2019).

O suicídio ou mesmo a tentativa de suicídio abre uma ferida narcísica no analista, que tende a se culpar apesar de seus melhores esforços, além do pânico de expor essa ferida aos seus pares e ser criticado por eles. Como resultado, o suicídio pode ser um dos assuntos mais assustadores para os analistas devido à sua natureza agressiva (Miodownik, 2019).

Freud (1974) mostrou que existem aspectos importantes do comportamento suicida, como a identificação narcísica com o objeto para evitar a dor das experiências dissociativas, e o ódio produzido por tais experiências "[...]capaz de direcionar a hostilidade relacionada ao objeto para a hostilidade em relação a si mesmo[...]" (1974a, p. 285). Ele acrescentou que em atos suicidas, os indivíduos usam seus próprios corpos como objetos.

Segundo Freud (1974), um investimento pulsional livre pode atingir diretamente o eu ou o objeto. Quando o desejo sexual é investido em si mesmo, é chamado desejo auto-sexual ou desejo sexual narcísico. Em contrapartida, ao investir em um objeto, ele é chamado de desejo sexual do objeto. Para ele, o estágio da infância, quando o bebê satisfazia parte de sua força motriz através da área de desejo sexual correspondente, todo o seu investimento em libido era satisfeito em seu próprio corpo, denominado auto-erotismo.

Em relação à escolha dos objetos, Freud (1974) escreveu que existem dois tipos de modelos: modelos analíticos e modelos narcísicos. O primeiro deles, também conhecido como pessoa de contato, toma a mãe como exemplo, porque a mãe ou a mãe que a substitui é seu primeiro objeto de amor. Segundo o autor esse amor está diretamente relacionado à satisfação de suas necessidades básicas. Ainda chamou outro modo de narcisismo para escolher objetos e se considerava um objeto de amor. Geralmente, essas duas opções de objetos existem entre todas as pessoas, embora em graus diferentes.

Freud (1974) destaca que o narcisismo está intrinsecamente ligado à evolução da escolha e realização de objetos. Outro aspecto da personalidade que o narcisismo produz é a autoestima. Para Freud, (1974, p. 115) "[...]tudo o que uma pessoa possui ou realiza, e todo sentimento prematuro e onipotente residual que sua experiência provou o ajudará a melhorar sua autoestima". Segundo o autor supracitado, isso também aumenta quando você é amado. Portanto, mostra que a autoestima depende de três aspectos. O primeiro é o remanescente do narcisismo infantil, o segundo vem da realização do onipotente auto-ideal da criança e o terceiro vem da satisfação de satisfazer o desejo sexual do objeto, ou seja, de satisfazer o relacionamento amoroso.

Segundo Aquino e Assis (2016), a situação clínica atual concentra-se principalmente nos problemas de narcisismo. Segundo a análise dos autores, o narcisismo é explorado em termos de mudanças conceituais na teoria freudiana, principalmente em relação à prática clínica contemporânea. Ou seja, diferentes trabalhos analisam múltiplos aspectos do narcisismo em relação a diferentes questões que têm ressonância clínica, tais como: estados terminais, depressão, melancolia, anorexia, dependência, escolhas amorosas e cultura.

Os autores Carvalho, Lazarini e Viana (2012) também enfatizam que o que se observa é uma transição gradual de um estado neurótico para um estado patológico que envolve problemas narcísicos em certa medida, por isso é necessário rever aspectos relevantes para esta necessidade e clínica atual. Depressão, dependência, anorexia, bulimia e diversas síndromes complexas são reflexos de uma cultura que passa por momentos de incertezas e mudanças relacionadas aos valores sociais.

Diante desses aspectos, Barbosa, Campos e Neme (2021) enfatizam que a cada nova notícia trágica, a fragilidade da condição humana se revela em todos os lugares, levando à perda de sentimentos de confiabilidade e, assim, à angustiante possibilidade de que algo pode acontecer a qualquer momento. Em uma sociedade onde as pessoas são levadas a ver os outros como rivais ou inimigos, a confiança torna-se uma tarefa quase heroica. Na maioria das vezes, porém, a regra a seguir nos relacionamentos é a distância defensiva ou o comportamento hostil. Nesse sentido, as relações imediatas aumentam o sofrimento psíquico. Como enfatizaram Campos e Silva (2020), para enfrentar experiências dolorosas, os sujeitos

contemporâneos passam a buscar a externalidade e a estetização de si, a cultura narcisista, a sociedade do espetáculo e a cultura da performance.

Cardoso (2015) ressalta que as expressões contemporâneas do sofrimento psíquico circulam na produção psicanalítica atual por meio de diferentes termos: novas formas de subjetivação, novas subjetividades, novos sintomas, novas doenças mentais e muito mais. Todas essas escolas sugerem que a subjetividade contemporânea é constituída de forma diferente da época de Freud. Para Castiel (2013) o momento atual estaria repleto de comportamentos destrutivos. A prática clínica contemporânea é frequentemente confrontada – nas neuroses graves, nas patologias narcísicas e em casos extremos – com ocorrências destrutivas dirigidas ao funcionamento psicológico interno do sujeito. A referência parte de sujeitos em que a ação, no sentido de entrar em ação, é um dos sinais da sua condição existencial. Neles, as liberações excitatórias ocorreriam sem possibilidade de simbolização, manifestando-se, ora mais ora menos, na forma de comportamento autodestrutivo. Essas expressões criariam impasses analíticos e exigem dos psicanalistas uma posição quando confrontados com seus efeitos deletérios.

Freud, (1996) destaca que ego só cometerá suicídio se se considerar um objeto, ao se ter a escolha de objeto, ele acaba sendo superior ao eu porque é governado pelo objeto. Outro fato que merece destaque é que a depressão pode desaparecer depois de um certo tempo, assim como a tristeza, sem deixar rastros. É importante lembrar: “Se o objeto não fosse tão importante para o eu – uma importância reforçada por mil elos – então a sua perda não seria suficiente para causar luto ou melancolia”. (Freud, 1996, p. 261).

Ainda para Freud, (1996) a falta de capacidade representativa sustentada faz com que a psique seja invadida pela dor automática, que é a resposta do sujeito quando em situação traumática, ou seja, por um influxo de excitação de fontes externas ou internas, que ele não consegue controlar. A persistência desses sentimentos surge porque as formas defensivas de reconciliação utilizadas nessas situações nem sempre acalmam esse estado emocional subserviente à economia da dor.

O suicídio deve ser visto como um ato de comunicação, não apenas um gesto único. É uma forma de comunicar questões internas ao meio social e que, muitas vezes, não são compreendidos, ou mesmo negados por familiares, amigos ou

peças próximas. Considerando os fatores de risco para o suicídio, deve-se considerar que toda tentativa, principalmente por um adolescente, é direcionada a alguém, expressão de uma necessidade de afeto, e por isso precisa ser ouvida e reconhecida. O adolescente precisa de uma resposta e as questões internas precisam ser ouvidas (Miodownik, 2019).

As Dores do Jovem Werther contribuíram muito para a difusão e estabelecimento do “pecado do século”, que se caracterizou pela melancolia, pessimismo, deterioração do amor e entusiasmo pela morte (postura que se tornou típica dos escritores românticos). Isso porque o suicídio enfrenta a impossibilidade de concretizar o amor idealizado (Souza; Freitas, 2022).

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar os aspectos psíquicos envolvidos no suicídio na adolescência a partir da perspectiva da psicanálise. Foram encontrados resultados concernentes sobre o aumento das taxas de suicídios e de ideação suicida em indivíduos pertencentes a essa fase de desenvolvimento. Foi constatado ainda que o tema da morte ainda consiste um tabu na sociedade. Dessa maneira, o presente trabalho procurou auxiliar em uma compreensão a respeito dos fatores de riscos, o que ajudaria na identificação e procura por atendimento especializado.

Na análise do romance, o suicídio representa um profundo questionamento sobre o sentido da vida de Werther, e a tragédia não se limita a um jovem que tira a própria vida. É na distância irreduzível entre Werther e a felicidade que reside a tragédia de Werther, no fato de a sua própria plenitude conter o seu esgotamento. Essa separação não ocorre no momento em que a bala o atinge, mas quando ele percebe que a felicidade é impossível para ele porque só poderia vir da obtenção de algo que ele nunca poderia ter: o amor de Charlotte.

Alguns desses elementos nos levam a analisar **Os Sofrimentos do Jovem Werther** como mais do que apenas um caso de amor não correspondido que leva ao suicídio, pois através da fundamentação histórica deste período podemos compreender que as maiores frustrações de Werther estavam relacionadas a uma sociedade em mudança. Os problemas amorosos podem, em última análise, exacerbar a sua dor e sentimentos de incompatibilidade pessoal e social.

Na obra, vemos o suicídio como um ato egoísta, pois a libido investida no objeto escolhido retorna para si mesmo. A felicidade agora parece distante e só a morte poderia fazer escapar da dor de uma vida sem alegria. A ideia em torno do romance é que as perdas de Werther o levaram à melancolia, um distúrbio causado pelo retorno do narcisismo secundário ao próprio eu, impossibilitando o seu reinvestimento em outros objetos. A intensificação do sentimentalismo e da paixão de Werther por Charlotte encapsula o protagonista transformando-o, em última instância, em um ser atormentado até o momento do suicídio, quando ele não consegue suportar a ideia de que a pessoa que ama não lhe pertence.

Trazendo para os aspectos da atualidade, foi possível através desse estudo elucidar as principais causas ou influências para o problema do suicídio. Entre estes, a literatura destaca os aspectos multifatoriais. Ou seja, há a compreensão de que existe uma variedade de variáveis que estão diretamente envolvidas.

A psicoterapia auxilia o paciente no restabelecimento da confiança em si mesmo, contribuindo significativamente para identificar e alterar os pensamentos e crenças patológicas, desenvolver razões para viver e auxiliar na prevenção de recaídas. Aparece como técnica fundamental na continuidade do tratamento que vai ajudá-lo na compreensão de si mesmo possibilitando enfrentar as crises de maneira positiva.

Para tanto, esse trabalho contribui para a comunidade científica, de modo a abordar a importância de falar sobre a morte autoprovocada, da eficiência do uso do tratamento psicoterapêutico na prevenção de crises e do suicídio bem como, na elucidação dos principais fatores envolvidos nas ideações dos adolescentes, considerados enquanto fatores de risco que requerem atenção especial dos profissionais de saúde.

Sugere-se, portanto, um maior investimento em pesquisas empíricas sobre a temática. Estes estudos tornam-se fundamentais de forma a contribuir na avaliação do suicídio de forma direta, principalmente no público adolescente, tendo em vista que esse estágio do desenvolvimento apresenta uma série de transformações psíquicas e físicas que muitas vezes são ignoradas e contribuem para desencadear ideações suicidas e comportamentos de risco.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. 3. ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

ALBERTI, S. O adolescente e o Outro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BACKES, M. Prefácio. *In*: GOETHE, J. W. Os Sofrimentos do Jovem Werther. Porto Alegre: L&P, 2010.

BARBOSA, Caroline Garpelli; CAMPOS, Erico Bruno Viana; NEME, Carmen Maria Bueno. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. *Psicologia USP*, v. 32, 2021.

CAMPOS, Érico Bruno Viana; DA SILVA, Amanda Nunes. O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 19, n. 1, p. 67–87-67–87, 2020.

CARDOSO, ACSF. Narcisismo e contemporaneidade: repercussões para o dispositivo analítico. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CARVALHO, Márcia Teresa Portela De; LAZZARINI, Eliana Rigotto; DE CAMARGO VIANA, Terezinha. Narcisismo e estados limites. *Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea*, p. 268.

CASSORLA, Roosevelt. Suicídio: em busca do objeto idealizado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 53, n. 4, p. 49-65, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2019000400004&script=sci_arttext. Acesso em: 06 out. 2023.

CASTIEL, Sissi Vigil. Possíveis articulações entre narcisismo e pulsão de morte para a clínica da atualidade. *Psicanálise-Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 17, n. 1, p. 108-117, 2015.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 4, p. 39-263, 1996. (Texto original publicado em 1900).

FREUD, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905).

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.

FREUD, S. (1980). A dissolução do complexo de Édipo (C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund

Freud (Vol. XIX, pp. 217-228). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

FREUD, S. Além do princípio de prazer. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GOETHE, J. W. Os Sofrimentos do Jovem Werther. Porto Alegre: L&P, 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEZAN, Renato. Freud: a trama dos conceitos. São Paulo: Editora Perspectiva, 4 ed; 2003. 350 p.

MIODOWNIK, Bernard. Suicídio: uma dificuldade na psicanálise. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 53, n. 4, p. 67-81, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2019000400005&script=sci_arttext. Acesso em: 06 out. 2023.

MONTOIA, Mayla Louise Greboge. A literatura romantica de Goethe através da obra os sofrimentos do jovem Werther. Revista Cadernos de Clio, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/download/68639/41896>. Acesso em: 06 out. 2023.

OLIVEIRA, Antoniel Campos. Eficácia da terapia cognitivo comportamental no tratamento da depressão: revisão integrativa. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 15, n. 1, p. 29-37, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872019000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 06 out. 2023.

PEREIRA, Claudemir Carlos. A análise da construção do suicídio através da narrativa de um amor impossível na obra Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe. Revista Sem Aspas, p. 33-47, 2015. Disponível em: <https://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/download/510/A%20Paixao%20do%20Jovem%20Werther%20-%20Johan%20Wolfgang%20Goethe.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.

PERUQUETTI, Rebeca; DE CAMPOS, Jaquelyne; BARCELLOS, Natália. Os Sofrimentos do Jovem Werther: do Sturm und Drang à contemporaneidade. Contingentia, v. 8, n. 2, p. 81-92, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/112462>. Acesso em: 06 out. 2023.

PIAZZOLI, Evelin. Significações do suicídio na obra “os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe. Criar Educação, v. 12, n. 2, p. 232-253, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/8033>. Acesso em: 06 out. 2023.

SOUZA, Matheus Silva de; FREITAS, Yuri Costa de. Análise documental da obra “Os Sofrimentos do Jovem Werther” de Johann Goethe. Revista Do Nufen:

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 10, p.776-797, jan./jun. 2024 – ISSN 2674-9483

Phenomenology And Interdisciplinarity, v. 14, n. 3, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/download/510/A%20Paixao%20do%20Jovem%20Werther%20-%20Johan%20Wolfgang%20Goethe.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.

TOLSTIJ, Alexandr. EL Hombre y la Edad. Moscú: Editorial Progreso, 1989.